


DESAFIANDO O SILENCIAMENTO E O CÂNONE LITERÁRIO BRASILEIRO: A TRAJETÓRIA INTELLECTUAL DE HELENA PARENTE CUNHA

CHALLENGING SILENCE AND THE BRAZILIAN LITERARY CANON: THE INTELLECTUAL TRAJECTORY OF HELENA PARENTE CUNHA

Mayara Mayre Silva dos Santosⁱ

 <https://orcid.org/0000-0002-5854-6984>

Resumo: O presente artigo propõe uma reflexão crítica sobre a contribuição de Helena Parente Cunha para a revisão do cânone literário brasileiro, com ênfase em sua atuação como pesquisadora e escritora comprometida com os estudos de gênero e a valorização da literatura de autoria feminina. Natural de Salvador-BA, Helena Cunha construiu uma trajetória acadêmica e literária marcada pelo enfrentamento às estruturas patriarcais que historicamente marginalizaram a produção literária de mulheres. Este artigo, portanto, trará considerações a respeito de sua produção teórica e literária que tensiona o discurso hegemônico e colabora para o alargamento do campo dos estudos literários, feministas e da crítica literária contemporânea. Assim, o trabalho de Helena Parente Cunha pode ser compreendido não apenas como produção literária e crítica, mas como intervenção política e epistemológica na história literária brasileira.

Palavras-chave: Helena Parente Cunha; revisão do cânone; literatura de autoria feminina.

Abstract: *This article proposes a critical reflection on Helena Parente Cunha's contribution to the revision of the Brazilian literary canon, emphasizing her work as a researcher and writer committed to gender studies and the appreciation of female-authored literature. A native of Salvador, Bahia, Helena Cunha built an academic and literary career marked by her confrontation with the patriarchal structures that have historically marginalized women's literary production. This article, therefore, will offer considerations regarding her theoretical and literary production, which challenges hegemonic discourse and contributes to the expansion of the field of literary studies, feminist studies, and contemporary literary criticism. Thus, Helena Parente Cunha's work can be understood not only as a literary and critical production, but also as a political and epistemological intervention in Brazilian literary history.*

Keywords: *Helena Parente Cunha; canon revision; female-authored literature.*

DOI: 10.22478/ufpb.2764-4251.2025.n2.76611

Recebido em: 16/10/2025

Aprovado em: 25/11/2025

ⁱ Doutoranda em Letras: Linguagens e Representações na área de Literatura e Interfaces pela Universidade Estadual de Santa Cruz (PPGLLR/UESC). Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6651603938640005>. E-mail: mayarasantos@ufgd.edu.br.



Natural de Salvador/BA, Helena Parente Cunha produziu diversos trabalhos teóricos e literários, contemplando sobretudo os temas de mulheres, relações de gênero, opressão e revisão do cânone. A autora faleceu em fevereiro deste ano e deixou um legado de diversos títulos acadêmicos e projetos literários extremamente potentes e ricos de significação. Apesar de sua extensa trajetória acadêmica, que inclui numerosas pesquisas, publicações, participações e coordenações em grupos de estudo, além de premiações nacionais e internacionais, a produção de Helena Cunha ainda é relativamente pouco explorada nos estudos acadêmicos, levando em consideração a amplitude e a diversidade de sua produção teórica e literária, bem como com a relevância de suas contribuições para os estudos feministas.

As perspectivas de Helena Cunha buscam romper com os paradigmas frente às mulheres e o espaço concedido à literatura de autoria feminina no cânone literário brasileiro. A autora possui textos e obras relevantes para a temática da literatura de autoria feminina, principalmente no espaço de recuperação de autoras do passado, que ficaram esquecidas e/ou camufladas. No ano de 1999, Helena e seus grupos de estudo se debruçaram na pesquisa e seleção de autoras que surgiram nas décadas de 70 e 80. O resultado desse trabalho gerou a publicação da obra *Desafiando o cânone: Aspectos da literatura de autoria feminina na prosa e no verso (70/80)*, junto com seus orientandos e alguns estudantes de Letras da UFRJ. Assim, diante das problemáticas frente a essa recuperação, Cunha postula: “Após muitas discussões e debates, meu Grupo e eu chegamos à conclusão de que não se pode simplesmente ignorar essa produção poética heterogênea que inclui textos dotados de condições de atenderem às tradicionais especificidades da literariedade [...]” (Cunha, 2006, p. 244).

Diante disso, suas pesquisas buscaram evidenciar textos produzidos por grupos heterogêneos. Helena se mostra adepta à inserção de dizeres alteritários dentro dos campos da Literatura, abrindo espaço para as vozes abafadas e discriminadas no passado. Ela propõe uma abertura de novos horizontes, descentralizando as políticas estabelecidas pelo cânone autoritário, hierárquico e hegemônico, que prevê/pressupõe qualidades estéticas e literárias as quais, segundo as normas canônicas, os grupos marginalizados não conseguem alcançar.

Notado o rendimento e relevância do projeto, em 2001 decidiu dar continuidade neste segmento contra-canônico e publicou *Desafiando o cânone (2): Vozes femininas da literatura brasileira do século XIX*. Nomes como os de: Nísia Floresta (1810), precursora dos estudos feministas no Brasil, Maria Firmina dos Reis (1825), Júlia Maria da Costa (1844), Amália dos Passos Figueroa (1845) e Narcisa Amália (1852) ganharam espaço nas páginas desafiadoras do cânone. Assim, trazer para a obra escritoras como essas possibilita também iluminar os diálogos



do presente, pois: “pensar nas vozes que lhe dão sustentação é ouvir outras vozes que foram, durante o processo de edificação do cânone, silenciadas e postas à margem” (Silva; Moreira, 2007, p. 01). Deste modo, Helena, em parceria com outros pesquisadores, visou a contemplação de identidades que, na visão ocidental, não preenchiam os critérios de qualidade e estéticas “necessárias” para pertencer ao cânone.

É válido ressaltar que, alguns ou até a maioria desses nomes trazidos para desafiar o cânone, ainda não são tão presentes nas ementas dos cursos de graduação. Cunha, no texto *Cânone: dúvidas e ambiguidades* (2006), faz uma crítica aos sistemas universitários do país pois, mesmo havendo inúmeras tentativas de desconstrução do cânone politizado, ainda há muito o que se trabalhar e pensar sobre as qualidades atribuídas aos textos e o que realmente faz deles literários ou não. Mesmo que diversos textos ainda não estejam contemplados nos sistemas e ementas das universidades, Helena Cunha reconhece que houve avanço no meio acadêmico com certa flexibilização à distorção dos modelos ocidentais e que alguns sistemas já se mostram adeptos aos discursos alteritários, distanciando-se das edificações homogêneas do cânone e em busca da valorização de vozes heterogêneas:

Não se pode negar a rápida e progressiva flexibilização das exigências canônicas e o enfraquecimento do modelo europeu centralizador, o que tornou possível a escuta de vozes periféricas, antes execradas pelo padrão ideológico. À medida que segmentos autoritários alteritários começaram a se politizar e a se conscientizar dos seus direitos, as fronteiras políticas se expandiram para acolher reivindicações e denúncias, enquanto o mundo da literatura dava passagem para construções discursivas provenientes de fontes afastadas das elites cultas, podendo-se ouvir hoje um sem número de vozes, dos mais variados timbres, modulações e sotaques, entre as quais, mulheres, afro-descendentes, *gays* e indígenas (Cunha, 2006, p. 245).

No entanto, ainda em conformidade com Helena, é preciso reconhecer que o Brasil, em comparação a outros países, ainda possui Universidades fechadas para a inserção de textos de autoria feminina – incluindo os da própria Helena. Ou seja, mesmo que haja diversas publicações datadas desde antes do século XIX, ainda não foi concebido o espaço devido a esses grupos, como os das mulheres, que por muitas vezes foram mencionadas, não como protagonistas ou contadoras de suas próprias histórias, mas sim como figuras secundárias e terciárias:

Sem querer parecer pós-colonial, não posso deixar de registrar o fato de que, enquanto, em universidades de pelo menos alguns países do chamado Primeiro Mundo, existem departamentos de estudos sobre a mulher, entre nós, algumas vezes já soube da resistência até mesmo para ementas de curso ou linhas de pesquisa referentes a questões de gênero e, portanto, enfatizando a literatura de autoria feminina (Cunha, 2006, p. 248).



Esse comportamento dentro das universidades está diretamente ligado aos valores patriarcais estabelecidos para as mulheres desde os tempos mais remotos. Antes da ascensão dos movimentos sociais feministas em busca da liberdade das mulheres, os papéis relegados para as mulheres eram somente aqueles voltados para a esfera privada do lar, como os afazeres domésticos e a maternidade. Assim, conforme postula Lima (2017): “devido à educação que recebiam e aos afazeres domésticos, tal escrita era desvalorizada, como se a mulher não dispusesse de assuntos outros que não fossem os do lar e seus próprios sentimentos” (Lima, 2017, p. 98).

Ainda nos raciocínios pertinentes à visão contra-canônica de Helena Parente, ela se autoquestiona em relação à (r)existência e aversão aos discursos alteritários (*Ibidem*, p. 249). Em diversos momentos, a pesquisadora propõe a manutenção dos questionamentos, pois assim mantém aberto o caminho para a reflexão, considerando-a como algo válido para a desconstrução.

Faz-se válido reconhecer que a luta pelo espaço das mulheres na literatura já existe há mais de um século, surgida bem antes da ascensão dos movimentos feministas, desde 1960, tempo em que as mulheres já escreviam, mesmo às escondidas. No entanto, conforme mencionado inicialmente, com a chegada da pós-modernidade emergiram mais inquietações na Literatura e, assim como Cunha, a partir da década de 80, diversos grupos de pesquisadores(as), em maioria mulheres, se mostraram empenhadas em buscar escritos de mulheres que tiveram seus nomes camuflados e apagados da história do cânone. Em “Escritoras baianas dos oitocentos enfrentando preconceitos” (2000), Helena Cunha assevera:

As muitas mulheres escritoras que habitaram a cena cultural do século XIX e esquecidas por causa do autoritarismo discriminatório do cânone literário e comportamental, estão finalmente sendo resgatadas, despertando nossa admiração pela coragem revelada ao afrontarem o paradigma que lhes negava o simples direito de falar, pensar e até sentir (Cunha, 2000, p. 36).

Ela destaca a importância de dar visibilidade aos textos escritos por mulheres e reafirma o fato de ter sido negado a elas o direito de se expressar. As narrativas de Helena acompanham um deslocamento no espaço-tempo em uma condição de escrita transitória nos espaços internos e externos das obras. A postura das mulheres helenianas se apresenta no limítrofe entre os encarceramentos do patriarcado e as transgressões contra essas ordens ou, como postula Judith Butler (2015, p. 24), contra as “molduras” que lhes são colocadas.



Em outro momento, Helena Cunha deu vida a mais uma produção voltada para a discussão contra-canônica e organizou o livro *Além do cânone: vozes femininas cariocas estreantes na poesia dos anos 90* (2004), abordando aspectos sobre autoria feminina no século XIX. A autora, junto a outros pesquisadores, evidencia a existência de várias identidades e vozes femininas na literatura, dando espaço ao lugar de fala de mulheres cariocas e trazendo estilos distintos (do mais formal ao coloquial) preenchendo, agora no presente, os espaços tomados delas no passado. Um dos questionamentos que a autora recebeu em algumas entrevistas foi com relação ao título dado à obra. Desse modo, em dado momento do livro a pesquisadora assevera:

Nas águas do fluxo contestatório da hora presente, ainda sob os efeitos da sanha iconoclasta dos idos anos 60 do século XX, a questão do cânone hoje pertence à arena de debates e contradições que dificultam um posicionamento correto. Mas o que seria um posicionamento correto em questões que perderam os suportes sobre os quais se apoiavam e lhes davam certezas e garantias supostamente eternas? Durante o predomínio do modelo europeu, totalizante e totalizador, era possível estabelecer e mesmo impor critérios capazes de autorizar a canonização de uma obra. Ao invés de certezas, vivemos a era das incertezas, desde que desabaram os esteios de uma cultura já desgastada, mas capaz de apontar algum caminho que acabaria dando em algum lugar. Hoje, caminhos e descaminhos se cruzam, enquanto nós, transeuntes da virada do milênio, não sabemos escolher qual é a melhor direção a tomar no labirinto de espelhos da pós-modernidade (Cunha, 2004, p. 18).

Nessa esteira da pós-modernidade, as pesquisas contempladas nesta proposta além-cânone mostraram a infinidade de vozes sufocadas pela literatura canônica e, com isso, evidenciaram o modo como as mulheres foram e ainda são tratadas como objeto, dominadas, outremizadas e sujeitas à marginalização. Autoras como Helena Parente Cunha e outras, caminham rumo à transgressão e ao deslocamento de espaços privados; em busca de protagonizarem suas histórias e saírem em defesa de si mesmas – respeitando o lugar de fala de cada uma – para extirpar os estereótipos históricos, culturais, sociais, políticos e de identidade ainda existentes em sociedade.

É válido ressaltar que as propostas de revisões do cânone feitas pelos pesquisadores (as) não pressupõem a substituição de um texto pelo outro, o edificado pelo camuflado/esquecido, mas sim partir deles para expandir as discussões de revisita, adotando o cânone como objeto de crítica. Nesse sentido, não há aqui uma proposta de dizimação do cânone, mas de relê-lo a partir de novas perspectivas e pensá-lo enquanto estrutura política, cultural e social de exclusão. Sendo assim, não se pode retirar ou excluir os textos que ali estão, mas o que pode ser feito é pensar, buscar e incluir outras vozes que poderiam ter feito parte dele.

Esse processo de resgate dá lugar à ascendência de novos textos, sejam os de ontem ou os de hoje e trazem perspectivas que valorizem outros sujeitos e ascendam nas academias e nos leitores em geral a chama do questionamento dos critérios que sustentaram e ainda sustentam a historiografia literária tradicional no Brasil.

Nestes momentos de ascendência e revisita, foi notório o enfrentamento de muitas mulheres para alcançar certos lugares na literatura. Como exemplo disso temos Lúcia Miguel Pereira (1998) que, mesmo passando por diversos percalços, alcançou um lugar enquanto historiadora e crítica literária. Pereira desenvolveu trabalhos de pesquisa voltados à construção da história literária no Brasil e, tendo em vista a consagração do cânone somente a partir de normas homogêneas e excludentes, pressupõe métodos de revisita da historiografia da literatura, selecionando e recolhendo narrativas de diversos campos de produção, no intuito de evidenciar o valor de cada um.

A teórica criticou inclusive autores consagrados na literatura brasileira, justificando que estes ainda se atém aos valores ocidentais e europeus para representar o Brasil, deixando de lado as características regionais. Assim como outras pesquisadoras, Lúcia Miguel-Pereira abriu fila para o resgate de vozes alteritárias.

Márcia Abreu (2006) também se encontra neste espaço de contribuição nos estudos sobre literatura, qualificação dos textos e espaço concedido à escrita de mulheres afirmando que: “houve um tempo em que não se viam com bons olhos as produções femininas, pois as mulheres eram tidas como intelectualmente inferiores” (2006, p. 39). Além destas contribuições como as de Lúcia Miguel e de Márcia Abreu, nota-se que o campo da crítica feminista tem se dedicado ao revisionismo dos textos e na manutenção dos esforços para resgatar as vozes femininas pioneiras no Brasil, principalmente as que mais se distanciam do eixo homogeneizador e das réguas do cânone. Neste lugar de reflexão, Luiza Lobo (1998), ganha destaque por sua dedicação às escritas de mulheres e a valorização da alteridade:

*A alteridade da literatura de autoria feminina tornou-se assim a base da abordagem feminista na literatura. Ser o *outro*, o excluído, o estranho, é próprio da mulher que quer penetrar no "sério" mundo acadêmico ou literário. Não se pode ignorar que, por motivos mitológicos, antropológicos, sociológicos e históricos a mulher foi excluída do mundo da escrita - só podendo introduzir seu nome na história europeia por assim dizer através de arestas e frestas que conseguiu abrir através de seu aprendizado de ler e escrever em conventos (Lobo, 1998, p. 5, grifos da autora).*

Lobo se mostra contrária à crítica literária latino-americana, na qual norteia as análises a partir de críticas ocidentais. A pesquisadora conclui que essa prática manterá os processos de exclusão, deixando de fora, por exemplo, as produções de mulheres latino-americanas. Assim,

Revista **LiterAlMENTE**, João Pessoa, v. 5, n. 2, pp. 127-135, jul./dez. 2025 ISSN: 2764-4251 Seção: Dossiê Temático



pesquisadoras como Helena Cunha e as demais literatas aqui apresentadas ensejam, por meio da literatura, contribuir com os estudos sobre a presença da mulher na literatura.

Portanto, a rasura do cânone acontece a partir de um movimento de resgate de escritoras camufladas pelo cânone e também de uma escrita literária que rompe com os padrões patriarcais e explora temas como desejo e subjetividades femininas. Há uma mobilização no espaço, tempo e narrativa; algo que rompe com a lógica canônica. Por fim, partindo de trabalhos como esses, nota-se o desejo de que as recentes críticas literárias cheguem a diversos contextos, vão além do cânone, releiam-no, questionem e passem a abarcar os escritos oriundos de diversas esferas e lugares de fala.

A trajetória intelectual de Helena Cunha e suas produções (críticas e literárias), portanto, demonstram um rompimento com a tradição literária vigente resgatando autorias diversas e inserindo nas narrativas literárias personagens com diversas subjetividades. Suas obras contam com múltiplas presenças e apresenta uma escrita de si e de outras; abarcando as mais potentes produções de sentido.

Para pensar na produção literária de Helena Parente Cunha, trago o conto “O namorado”, pertencente à obra *Vento, Ventania e Vendaval* (1998). No enredo, a protagonista vive uma intensa relação com seu namorado, mas também enfrenta a pressão das expectativas sociais frente às mulheres da época. O conto aborda temas como a busca por identidade e a luta entre desejos pessoais e obrigações familiares.

Através de uma linguagem rica e sensível, Helena Parente Cunha revela no conto as nuances do amor jovem e as dificuldades que surgem ao longo do caminho. O uso da linguagem, da metáfora (o que a mulher é *versus* expectativas/estereótipos postulados do que deveria ser) e da metonímia (protagonistas inominadas, mulheres diversas, Marias, Teresas, etc.) são alguns dos elementos que a autora mobiliza para o rompimento e rasura dos padrões canônicos. Em relação à protagonista do conto há uma quebra de expectativas sociais para com uma mulher da época, porque ela rompe com os padrões patriarcais estabelecidos para mulheres e se coloca nesse lugar de transgressão, que vai contra a norma social. A protagonista é uma mulher independente, pesquisadora, que pouco se preocupa com as normas que a sociedade estabelece para as mulheres.

É igualmente válido e necessário pensar a partir das subjetividades femininas, compreendendo-as como algo que se constitui na relação entre as forças que atravessam o sujeito e os movimentos que ele realiza. Trata-se de refletir sobre o ponto de encontro entre as práticas de objetivação operadas por saberes e dispositivos de poder e os modos de subjetivação,



ou seja, as formas pelas quais o sujeito se reconhece como tal, dentro de normas, preceitos e estéticas de si. Esse processo envolve tanto o efeito das normas sobre o sujeito quanto sua capacidade de (re)elaborá-las, resistir a elas e produzir novas formas de existência.

Diante do exposto, ao inserir a obra de Helena Cunha no debate sobre a revisão do cânone literário, evidencia-se a urgência de reavaliar os critérios que historicamente determinaram quais textos seriam legitimados como literatura. A escrita de Cunha, nesse sentido, convoca o questionamento e o desmonte de modelos normativos e rígidos que há muito tempo orientam a tradição literária. Sua obra não apenas amplia a diversidade de perspectivas, mas também tensiona a própria noção de canonização, lembrando-nos de que a literatura é um espaço dinâmico de invenção e contestação, capaz de construir e reconfigurar sentidos sobre o mundo e sobre nós mesmos.

AGRADECIMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. *Cultura letrada: literatura e leitura*. São Paulo: Editora da UNESP, 2006.

BUTLER, J. O não pensamento em nome da normatividade. BUTLER, J. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5639899/mod_resource/content/1/Quadros%20de%20Guerra%20-%20Judith%20Butler.pdf. Acesso em: 29 ago. 2025.

CUNHA, H. P. *Vento Ventania Vendaval: contos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Salvador: Fundação João Fernandes da Cunha, 1998.

CUNHA, H. P. (org.). *Desafiando o cânone: Aspectos da literatura de autoria feminina na prosa e no verso (70/80)*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.

CUNHA, H. P. Escritoras baianas oitocentistas enfrentando preconceitos. *A Cor das Letras*, Feira de Santana, Bahia, v. 4, p. 31-40, 2000.

CUNHA, H. P. (org.). *Desafiando o cânone (2)*. Vozes femininas da literatura brasileira do século XIX. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 2001.



CUNHA, H. P. (org.). *Além do cânone: vozes femininas cariocas estreantes na poesia dos anos 90*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.

CUNHA, H. P. Cânone: dúvidas e ambiguidades. *Scripta* (Belo horizonte), v.10, n.19, p. 241-249, 2. sem. 2006. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/13978/10980>. Acesso em: 27 ago. 2025.

LIMA, A. R. P. Escolha e exclusão de textos de autoria feminina do cânone literário brasileiro. *Revista Crioula* Nº 20 – 2º semestre/2017. P. 96-121. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/137538/136844>. Acesso em 25 ago. 2025.

LOBO, L. Literatura de autoria feminina na América Latina. *Revista Mulher e Literatura*, Rio de Janeiro, 1998. Disponível em: <http://www.openlink.com.br/nielm/revista.htm>. Acesso em 10 set. 2025.

SILVA, M. M; MOREIRA, N. M. B. Carolina Nabuco: primeiros passos de um resgate. *XII Seminário Nacional e III Seminário Internacional Mulher e Literatura do GT Mulher e Literatura da ANPOOL: Gênero, Identidade e Hibridismo Cultural*. 09, 10 e 11 de outubro de 2007. Ilhéus: Universidade Estadual de Santa Cruz, 2007b. Disponível em <http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/MARCELO%20MEDEIROS%20DA%20SILVA.pdf>. Acesso em 15 out. 2025.

